

CORPOS-PLÁSTICOS:

METAMORFOSES CORPÓREAS PRODUZIDAS NOS ENCONTROS COM MATÉRIAS INDISCIPLINADAS

Palavras-chave: design crítico e especulativo, corpo, joia-corpo, plástico, microplástico, metamorfose.

Melissa Teixeira Façanha; UFRJ; Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil;
teixeira.melissaf@gmail.com;

Jeanine Torres Geammal; UFRJ; Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil;
jeaninegeammal@eba.ufrj.br.

1. Introdução

Antropoceno é o termo proposto pelos pesquisadores Paul J. Crutzen e Eugene F. Stoermer (2000) para definir a presente época geológica. Mesmo sem reconhecimento oficial pela União Internacional de Ciências Geológicas (IUGS) como uma época a suceder o Holoceno, os debates em torno do termo garantem certa eficácia em apontar o agente humano como principal causa das mudanças geofísicas e elevar essa agência humana a uma força de escala geológica, nos incitando a refletir sobre o significado da humanidade como espécie.

As marcas do Antropoceno em Gaia se manifestam de múltiplas formas. Dentre as que percebemos com maior desassossego, estão as causadas pelo uso descuidado de plásticos. A produção e uso desses materiais sofreu um aumento expressivo e progressivo depois de 1950, atingindo uma produção global de 9,2 bilhões de toneladas em 2017 (Geyer, 2020) — sendo mais da metade produzida após 2000. Nesse contexto, não são poucos os impactos ambientais associados ao ciclo de vida do plástico: processos de extração de recursos fósseis; fabricação, uso e descarte de produtos manufaturados.

Tal cenário evidencia uma contradição: apesar de os esforços humanos de dominar a natureza terem construído uma aparente sensação de controle, essa suposta dominação, vivenciada cada vez com mais intensidade e frequência, é profundamente ilusória. O antropólogo Bruno Latour (2020) argumenta que tal esforço de domínio se fundamenta na compreensão coletiva dicotômica das instâncias "Natureza" (relativa aos não

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

humanos) e "Cultura" (relativa aos humanos), que sustenta a cosmologia ocidental do sujeito moderno. Essa visão distorce e camufla os diversos impactos provocados pela humanidade, conduzindo à negligência de cuidado e restauração frente aos danos causados por séculos de exploração de uma natureza percebida como "outro" e mero recurso.

Para o autor, Natureza e Cultura são termos inseparáveis e precisam ser compreendidos como uma unidade: natureza/cultura. Essa composição estaria melhor capacitada a revelar que as ações humanas empreendidas no domínio e destruição daquilo que se entende como uma natureza outra que humana são, na verdade, ações voltadas a uma natureza mesma que humana. Quer dizer, ações de domínio que destroem e transformam o "mundo natural", destroem e transformam o "mundo cultural", pois ambos são o mesmo inseparável mundo.

Essa interdependência entre Natureza e Cultura pode tornar-se ainda mais evidente se considerarmos a presença e os efeitos dos microplásticos — partículas plásticas de até 5 mm (Queiroz, 2022) — no ambiente e nos organismos vivos. Essas partículas estão amplamente disseminadas na terra, na água e no ar, integrando os mais diversos organismos e ecossistemas — inclusive o corpo humano. Como desenvolve Krenak (2021), os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos; portanto, não estamos separados dela como organismos. Assim, sobrecarregar o planeta com plástico, adoecendo-o, significa igualmente adoecer e mutar a própria natureza humana.

Segundo Li *et al.* (2024), as principais vias de contaminação de microplásticos no corpo humano são a ingestão, inalação e, em menor grau, contato dérmico. Essas partículas já foram detectadas em diversos órgãos e tecidos, como sangue, coração, fígado, pulmões e rins (Li *et al.*, 2024), porém seus potenciais efeitos à saúde ainda não estão plenamente esclarecidos.

Os microplásticos sucessivamente se transferem entre corpos viventes, humanos e não humanos. Nesse âmbito, consideramos o conceito de metamorfoses de Emanuele Coccia (2020), no qual "cada espécie é a metamorfose de todas as outras que vieram antes dela. Uma mesma vida que molda para si um novo corpo e uma nova forma para existir de uma maneira diferente" (Coccia, 2020, p. 10). Assim, nossa existência se constitui a partir

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

de processos contínuos de transformação entre corpos e matérias que nos formam e nos deram origem, inclusive de plástico.

Hoje, de muitos modos, somos compostos por material plástico, produzido sinteticamente a partir de moléculas orgânicas (polímeros) que se entrelaçam com nosso corpo “naturalmente” orgânico. O corpo, nessa concepção, já não pode ser pensado sem essa hibridização: somos corpos-plásticos, feitos de carne plástica, de carne e plástico.

Portanto, neste trabalho, que emerge de pesquisas, leituras e debates realizados na criação de um Projeto de Graduação de Design Industrial da EBA/UFRJ, procuramos fazer uma provocação ao tema, através de joias-corpo de plástico reaproveitado, refletindo e fabulando sobre como essas partículas quase invisíveis compõem e moldam os corpos, agora constituídos como híbridos plástico-humanos.

2. Experimentações

No projeto, seguimos as perspectivas de design crítico e especulativo, que objetiva conscientizar, expor suposições, provocar ações e fomentar debates através do design sem fins comerciais. Segundo Dunne e Raby (2013), essa abordagem utiliza especulações como base para o design, em esforços imaginativos sobre como o mundo pode vir a ser ou poderia ter sido, caso tivesse se desenvolvido de outras formas. No trabalho, utilizamos esses princípios para imaginar formas pelas quais os microplásticos podem se manifestar, conformar e interagir com o corpo.

Os processos criativos foram construídos de modo dialógico e relacional, colocando em atenção as agências humanas e mais que humanas. São agências humanas a rede de conexões fundamentada por debates de conceitos e ideias elaborados durante as orientações; as colaborações de uso, descarte e coleta dos plásticos, mas também os entrecruzamentos com ideias de autoras/es que apoiaram de modo transformador as concepções iniciais. Por outro lado, também trabalhamos experimentações materiais com tampinhas plásticas, o que faz delas também protagonistas desse processo criativo: exigiam que aceitássemos suas vontades e limites.

As experimentações plástico-formais (Imagem 1) foram desenvolvidas artesanalmente com materiais acessíveis para manipulação e derretimento das tampas, utilizadas inteiras ou cortadas. Os principais recursos utilizados foram: forno elétrico, bandejas metálicas, espátulas, manta térmica de teflon, tesoura de poda, micro-retífica e equipamentos de proteção. As experimentações foram registradas em fichas, segundo os parâmetros adotados, na plataforma Notion.



Imagem 1 – Experimentação plástico-formal
Fonte: Elaboração própria

Além disso, a partir de referências imagéticas, exploramos as possibilidades visuais e conceituais de como os microplásticos se manifestariam no corpo híbrido.

3. Resultados

No trabalho, propomos uma narrativa ficcional (Haraway, 2023; Le Guin, 2021) associada ao conceito do corpo plastificado — um corpo que não rejeita os microplásticos nem desenvolve efeitos adversos, mas o integra adaptativamente. Nesse cenário, os órgãos são gradualmente transformados, substituindo a carne que os compõem por um novo material. Os microplásticos que ingerimos se infiltram, tornando-se parte estrutural da nossa fisiologia. A cada respiração, os tecidos pulmonares se redesenham em

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

superfícies plásticas, enquanto um coração já transmutado distribui microcélulas plásticas por todo corpo.

A representação dos órgãos plásticos nasce da possibilidade de imaginar múltiplas reconfigurações do corpo, inspiradas também nas cores, formas e texturas encontrados nas experimentações. Dessa modo, o projeto se constituiu na criação de três partes desse novo corpo híbrido: pulmão, árvore brônquica e coração (Imagem 2).



Imagem 2 - Órgãos Plásticos
Fonte: Elaboração própria

A joia é um objeto que se integra e se compõe com corpos: ganha evidência ao ser vestida, aderindo-se ao corpo, podendo ser percebida como sua extensão, enquanto

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

evidencia o corpo que a sustenta (Mercaldi; Moura, 2017). Nessa coleção de joias-corpo — composta inicialmente por um broche e três cordões com miçangas, que proporcionam ganho estético e aludem aos microplásticos —, assim como plástico e corpo se integram, joia e corpo se compõem. As peças, então, operam como extensões visíveis de um corpo em transformação por plásticos.

De modo geral, os órgãos plásticos foram concebidos com base em ilustrações científicas, que serviram como referência formal para as estruturas. Quanto à materialização, optamos por preservar índices que remetem ao material utilizado — por exemplo, inscrições de marcas visíveis de algumas tampas. Também buscamos aproximações visuais com alguns órgãos por meio das cores — como na combinação de branco e vermelho na composição do coração, resultando num padrão semelhante ao de carne. Além disso, determinados elementos foram explorados para reforçar características específicas de cada órgão, como partes vazadas do pulmão, aludindo a sua porosidade característica.

Como desdobramento da proposta fabulativa do projeto, editamos imagens de radiografias que simulam a visualização de um tórax parcialmente mutacionado pelo plástico (Imagem 3). A escolha dessa representação deve-se ao seu caráter técnico-científico que carrega na leitura e interpretação de corpos. A radiografia opera, assim, como documento ficcional que dá forma e verossimilhança a um corpo que integra microplásticos como parte constitutiva de sua fisiologia.

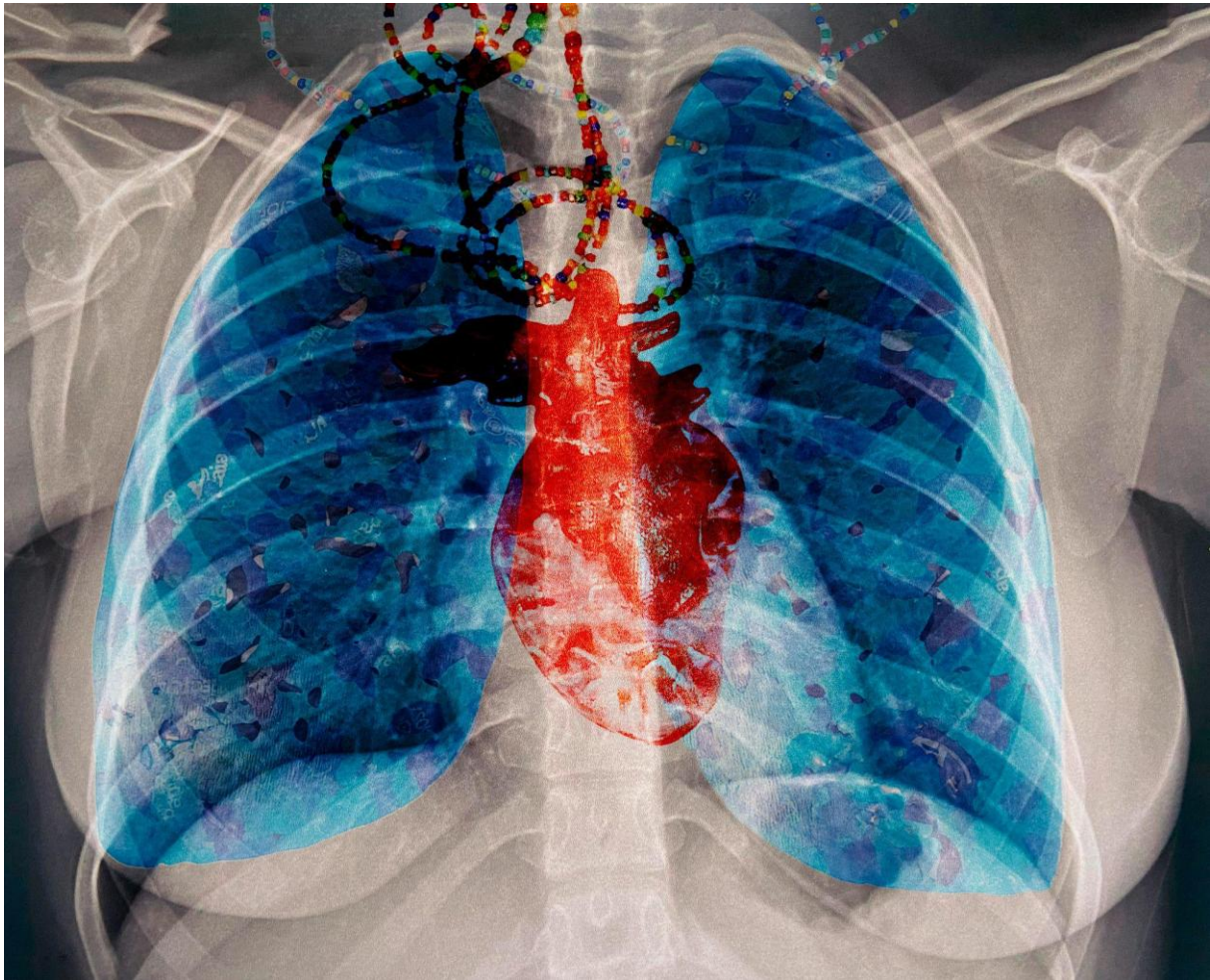


Imagem 3 – Radiografia dos órgãos plásticos
Fonte: Elaboração própria

4. Considerações finais

Assim, os encontros e matérias indisciplinadas que apoiaram o desenvolvimento do projeto objetivaram ampliar nossas concepções de natureza, cultura, humano, corpo e vida, a partir de autores como Bruno Latour, Emanuele Coccia e Donna Haraway, em interconexões com experimentações plásticas e nossos corpos. Interpretamos o plástico como um material vivo (Ingold, 2012) que compõe o corpo em processos incessantes de fazer-se, para além dos limites convencionados entre o natural e o artificial, propondo novos modos de pensar as relações entre o corpo e os microplásticos que nos habitam.



V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Desse modo, as joias-corpo criadas funcionam como provocação crítica e especulativa ao uso descuidado do plástico e seus impactos sobre os corpos, convidando à reflexão sobre nossos modos de habitar o planeta e suas consequências. Se incidimos essas representações fabulativas sobre representações de corpos humanos, foi na intenção de nos comover e incitar como agentes responsáveis.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. The “Anthropocene”. **Global Change Newsletter**, p. 17–18, 2000.

DUNNE, Anthony; RABY, Fiona. **Speculative Everything: design, fiction and social dreaming**. Cambridge: MIT (Massachusetts Institute of Technology), 2013.

GEYER, Roland. Production, use, and fate of synthetic polymers. *In*: LETCHER, Trevor M. (Ed.). **Plastic Waste and Recycling**. [S.l.]: Elsevier, 2020. p. 13–32.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno**. 1ª edição. Traduzido por Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25–44, jun. 2012.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LE GUIN, Ursula. **A teoria da bolsa de ficção**. 1ª edição. Traduzido por Luciana Chierigati e Vivian Chierigati Costa. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

LI, Y.; CHEN, L.; ZHOU, N.; CHEN, Y.; LING, Z.; XIANG, P. Microplastics in the human body: A comprehensive review of exposure, distribution, migration mechanisms, and toxicity. **Science of The Total Environment**, [s. l.], v. 946, p. 174215, 2024.

MERCALDI, Marlon Aparecido; MOURA, Mônica. Definições da joia contemporânea. **ModaPalavra E-periódico**, v. 10, n. 19, p. 54–59, jun. 2017.

QUEIROZ, L. G. Microplásticos: uma abordagem introdutória. *In*: POMPÊO, Marcelo; RANIBORGES, Bárbara; PAIVA, Teresa Cristina Brazil de Paiva (org.). **Microplásticos nos ecossistemas: impactos e soluções**. São Paulo: Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, 2022. p. 1–7.